

## Humor e psicanálise<sup>1</sup>

Nádima Carvalho Olimpio da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

*O presente trabalho se propõe a trazer algumas contribuições sobre a importância do humor como possibilidade criadora, abrindo novos caminhos para o discurso. Pretende mostrar que o dito espirituoso não vem em nome do riso, mas surge num jogo de palavras que, ao serem formuladas, fazem uma sustentação psíquica, ressignificando situações de desamparo, e permitindo ao sujeito retirar alegria das próprias angústias.*

Freud começou seu interesse pelas questões do humor sob influência que sofreu das leituras de Teodor Lipp (1989), que era professor em Munique e escreveu sobre O Inconsciente e o texto "Komik and Humor", lançando a semente que o encorajou nos seus escritos sobre essa teoria.

Fliess já havia falado a Freud dos *chistes* encontrados nos sonhos. Os mecanismos de formação dos *chistes* se assemelham ao da formação onírica (condensação e deslocamento), invasão dos processos primários no campo dos processos secundários. O sonho cria algo em cima do que é desejado, dando uma outra forma e produzindo algo ridículo, combinado com o riso, representando uma contradição. Esta representação pelo oposto, que acontece nos *chistes*, é a mesma da elaboração onírica. Em 1905, Freud escreveu "Os *chistes* e sua relação com o inconsciente", mostrando a importância do trabalho psíquico dos *chistes* como eixo para a compreensão da produção do prazer derivado da economia psíquica.

O *chiste* lembrá, no seu primeiro estágio, a repetição infantil das primeiras palavras - que inicialmente tomam o sentido de "COISA" -. Ex.: "ferbolhando" (a água ferve cheia de bolhas). A criança usa uma só palavra para designar a fervura da água com bolhas. Daí, numa forma mais elaborada desse jogo infantil, repetições e combinações tomam um sentido próprio, formando os "*chistes*" e produzindo prazer.

O *chiste* suspende temporariamente o recalque e promove uma economia da despesa psíquica, contornando um

obstáculo interno. Existe no *chiste* uma substituição de uma forma de expressão por outra, preservando o sentido, pois contém uma verdade impossível de ser convivida.

Freud fala do prisioneiro que iria morrer na forca e exclamou: "A semana começa otimamente." (Kupermann, 2003, p. 49). Freud também escreve à Fliess em 1897, contando uma anedota judaica, referindo-se ao seu estado de ânimo quando se sentiu desiludido em sua teoria das neuroses — "Rebeca, tire o vestido, você não é mais noiva nenhuma" (Freud 1887-1904, p.267).

O núcleo da técnica do *chiste* está justamente nessa formação substitutiva, quanto maior a diferença entre as conexões das idéias, maior a economia psíquica. O trabalho psíquico do *chiste*, do cômico e do humor vai variar de acordo com a fonte da qual deriva a economia. A piada resgata a dimensão afetiva da alegria dos processos criativos, não deixando que haja um ideal resignante. No *chiste*, a economia é na despesa com a inibição (recalque). Já no cômico, a economia é na despesa com alguma representação-geralmente supérflua, e no humor, a economia é na despesa com o sentimento. Sendo o riso a liberação dessa economia, a energia é liberada pela descarga motora.

O *chiste* vem como contribuição do inconsciente ao cômico, sendo o humor uma contribuição pela intervenção do superego.

Os procedimentos humorísticos e os *chistes* precisam ser compartilhados com outras pessoas para serem experienciados.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na V Jornada de Psicanálise do GPAL, em outubro/2005.

<sup>2</sup> Psicóloga e Psicanalista no GPAL.

Segundo Kupermann (2003), o ensaio sobre humor apresentado por Freud no X Congresso Psicanalítico Internacional, em 1927, mais de vinte anos após ter escrito o livro sobre os *chistes* (1905), teria levado-nos a pensar no papel social e metapsicológico encontrados no humor, bem como sua pertinência no *setting* analítico.

O humor acontece a partir de um investimento do aparelho psíquico, por um excesso pulsional. O superego se tornará mais agressivo quando o ego não acatar suas ordens, daí, a pulsão contorna o real, construindo essa obra de arte que é o "humor".

Para Kupermann (2003), o humor e a sublimação estão entrelaçados, podendo servir de paradigma para compreensão dos processos de criação. Este autor nos diz que na sublimação, pela tradição psicanalítica, haveria uma dessexualização da pulsão, envolvendo processos criativos e eróticos, mudando o objeto de satisfação pulsional (margeando o recalque).

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud mostra a sublimação para as artes, deslocada do interesse sexual: "*O que é belo em dia foi sexualmente estimulante*". (p. 147)

Trazendo alívio no primeiro momento através do riso, o humor estabelece uma relação íntima entre pulsão e representação. O prazer humorístico não provocará o riso do cômico ou do *chiste*, mas o caráter de valor será maior, pois nos remete às dimensões éticas, estéticas e políticas que compõem a psicanálise.

Para Ungier (2001), a sublimação é o destino das pulsões impostas pela cultura. O humor e a criação estão imprensados de um lado pela pulsão, e de outro pela lei do superego. Daí, o humor vem para administrar o mal estar abrandando o superego e dando possibilidade ao prazer. O dito **humorístico** fica então como uma criação rebelde se firmando no bem viver.

O humor se evidencia na sublimação como um caminho para o indivíduo criar e recriar o desamparo do mundo e de si mesmo. Para Freud, a sublimação seria o destino, por excelência

da pulsão. No processo do humor, a essência é poupar, através do cômico, os afetos desagradáveis que aquela situação provocaria.

O humor se apodera de uma articulação de emergência, suportando a angústia e mantendo a cadeia de significantes, dando um outro sentido ao discurso original. Segundo Ungier (2001), o humor não vem em nome do riso, mas como uma reviravolta para os próprios infortúnios e que o objetivo do dito espirituoso não é fazer rir, mas permitir ao sujeito retirar alegria das suas angústias através de uma sustentação psíquica.

Fugindo do sofrimento, o humor se efetiva no princípio do prazer, tendo o narcisismo triunfado sobre as provocações da realidade. Ele surge na obra de Freud como a face benevolente do superego. Como herdeiro do pai, o superego tratará o ego como o pai trataria o filho: consolaria o ego através do humor, não contradizendo a sua origem de agente paterno.

A essência do dito **humorístico** seria mostrar através da pilhéria e do gracejo, que o mundo não é tão perigoso e não passa de uma brincadeira de criança. O humor se perpetua através dos tempos. Desde Miguel de Cervantes, em Dom Quixote de La Mancha, há 400 anos, já havia uma sátira bem **humorada** com referência à Cavalaria Medieval.

Charles Chaplin fazia humor no cinema antigo com as tristezas e misérias das histórias que interpretava. A política se oferece como um instrumento para charges, piadas e ditos espirituosos, contornando a realidade, e retirando alegria dos infortúnios.

Para Freud, o adulto saberia ainda brincar com o humor para livrar-se da carga pesada da vida, se igualando às brincadeiras infantis.

Nem todas as pessoas têm o 'dom humorístico', pois o humor vem resgatar o lúdico e possui o dom da criatividade. O dito **humorístico** é o modo do sujeito arcar com seus conflitos, sem se valer de sintomas ou de atuação dispondo das formações da linguagem para enfrentar o sofrimento psíquico.



## Humor e psicanálise

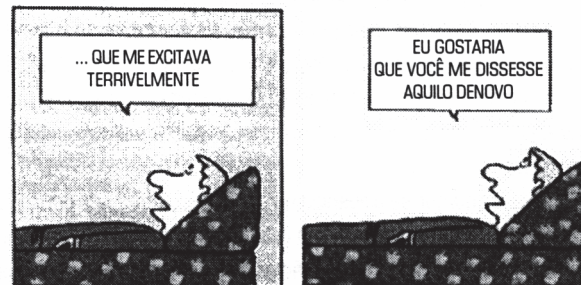
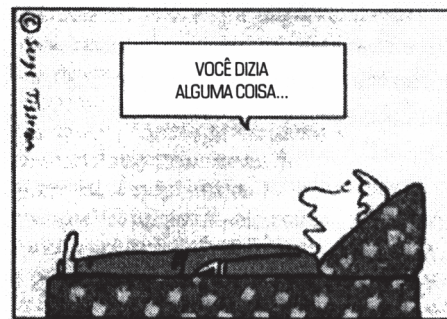
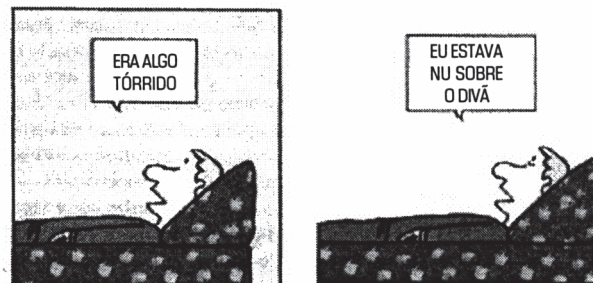
A virtude do humorista está em abrir novas vias para o discurso, é esta articulação entre o humor e a prática psicanalítica, que permite a emergência do inconsciente, possibilitando ao sujeito reescrever a sua história se implicando nos destinos que escolheu para sua vida.

O humor e a interpretação movem o sujeito para o lugar que cria. "A criação humorística é equivalente ao ato psicanalítico onde a palavra vem em momentos de limite". (Ungier, 2001, p. 85).

Segundo Kehl (2002, p. 188), "o sujeito não precisa ser poeta ou artista no final da análise, mas pode se tornar capaz de entender e acolher em seu EU, os silêncios e ditos contraditórios de uma voz frágil e enigmática que, até então, não lhe dizia respeito". O humor faz apelo à dignidade ética e política do ato psicanalítico, no sentido da denúncia de toda forma de idealização resignante, e resgata a dimensão afetiva do entusiasmo dos processos de criação, forma social ou estilo de vida, que sejam mais satisfatórios.

Finalizando, citarei uma estrofe de "Canto Chorado", de Billy Blanco, podendo afirmar que o paradoxo do humor é que aquilo que nos faz rir é ao mesmo tempo o que nos faz chorar:

*"O que dá pra rir, dá pra chorar  
Questão só de peso e medida  
Problema de hora  
E lugar  
Mas tudo são coisas da vida  
O que dá pra rir, dá pra chorar  
O que dá pra rir, dá pra chorar..."*





Uma história em quadrinhos de Serge Tisseron.

Tradução feita por Maria Stela Torres Barros Lameiras, em 17 de outubro de 2005.

### Referências bibliográficas

Freud, Sigmund (1887-1904). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

Freud, Sigmund (1905). *Três Ensaios sobre Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, Sigmund (1905). *Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 08. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Kehl, Maria Rita (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kupermann, Daniel (2003). *Ousar Rir: Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Tisseron, Serge. (2004). Dossier: Psychanalyse et Images. *La Psychanalyse: nouveaux enjeux, nouvelles pratiques*, nº 428, p. 46.

Ungier, Aida (2001). *Por Acaso: o humor na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.